

A literatura como ato de resistência contra a microfascitização da vida

La literatura como acto de resistencia contra la microfascitización de la vida

ANA CLAUDIA BARBOSA NUNES¹

Neste movimento do pensar, recorro a Filosofia para pensar, viver e, quiçá, explicar o devir da Literatura. Mas não qualquer Literatura. Falo da Literatura política e viva, que sangra diariamente no pensamento de escritores, interpretando e anunciando ao mundo a resistência contra a microfascitização da vida. Para defender tal ideia de que a Literatura é uma linha de fuga, com traços próximos do pensar filosófico, me embasarei nos argumentos de Deleuze e Guattari (1997).

O que o filósofo Deleuze e o psicólogo e ativista social Guattari (1997) propõem é um movimento do devir, do devir das criações dos conceitos, no qual elas nunca são conclusivas ou concretas, e devem sempre ser renovadas. Nesse sentido, criam e praticam uma Filosofia da criação de conceitos, cujo objetivo criar conceitos novo para responder problemas filosóficos. Tal Filosofia é constituída por três instâncias relacionadas e relacionáveis: i) plano de imanência; ii) personagens conceituais; e iii) conceitos.

O plano de imanência é aquele onde residem os conceitos, acontecimentos cujo horizonte é o plano. Esse é "[...] como um deserto que os conceitos povoam sem partilhar" (Deleuze; Guattari, 1997, p. 52). Por sua vez, "os personagens conceituais operam os movimentos que descrevem o plano de imanência do autor e intervêm na própria criação de seus conceitos" (Deleuze; Guattari, 1997, p. 83). Tais personagens são os agentes de enunciação, isto é, enunciam ao mundo. E os conceitos remetem "[...] a outros conceitos, não somente em sua história, mas em seu devir ou [em] suas conexões presentes [...]". Eles vão, pois, ao infinito,

¹ Graduada e Mestra em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Suas pesquisas concentram-se na filosofia política de Hannah Arendt, com destaque para os conceitos de ação, liberdade, milagre e natalidade. Em paralelo, desenvolve estudos em filosofia decolonial a partir das obras de Lélia Gonzalez e Sueli Carneiro, bem como investiga as contribuições literárias de Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo e Clarice Lispector. Correio eletrônico: anabarbosanunes.ab@gmail.com e currículo Lattes <https://lattes.cnpq.br/9698913513108052>.

conectando-se a outros conceitos por rizomas e sendo criados a partir de determinados problemas (Deleuze; Guattari, 1997, p. 31).

O rizoma – conceito apropriado por Deleuze e Guattari (1997) da Botânica – é uma raiz com crescimento horizontal, diferenciado e polimorfo. Isto é, são linhas que perpassam e atravessam para todos os lados. Segundo os autores, somos segmentarizados por todos os lados e em todas as direções. As linhas estão em nós, percorrem todos os nossos órgãos, seguem emaranhadas em nossas células. E todas elas são políticas, sejam macro ou micropolíticas. Contudo, cabe destacar que uma não sobrepõe a outra, todas acontecem ao simultaneamente e em cada um, em cada sociedade. Afinal, toda sociedade e todo indivíduo são "[...] atravessados pelas duas segmentariedades ao mesmo tempo: uma molar e outra molecular". Em síntese, as linhas são nossas, estão em nós e vivem com e para nós (Deleuze; Guattari, 1996, p. 76-83).

As linhas diferenciam-se em três tipos: molar; molecular e de fuga. A primeira, de segmentariedade dura, corresponde ao dual do mundo, como homem e mulher, adultos e crianças, grande e pequeno, burgueses e proletários. É aí que ocorre a macropolítica e onde aconteceu, acontece e pode acontecer o Fascismo, movimento sucedido na Alemanha de Hitler e na Itália de Mussolini – o qual, por vezes, encarna em determinados Estados. O terror, a repressão e as mortes ocasionadas pelo Fascismo geraram uma linha dura que partiu do nível macro para o micro, excluindo e matando todos considerados inimigos. É nesse momento que ocorre a reterritorialização, a organização de ideias e movimentos (Deleuze; Guattari, 1996).

O conceito de Estado totalitário só vale para uma escala macropolítica, para uma segmentariedade dura e para um modo especial de totalização e centralização. Mas o fascismo é inseparável de focos moleculares, que pululam e saltam de um ponto a outro, em interação, antes de ressoarem todos juntos no Estado nacional-socialista. Fascismo rural e fascismo de cidade ou de bairro, fascismo jovem e fascismo ex-combatente, fascismo de esquerda e de direita, de casal, de família, de escola ou de repartição: cada fascismo se define por um microburaco negro, que vale por si mesmo e comunica com os outros, antes de ressoar num grande buraco negro central generalizado (Deleuze; Guattari, 1996, p. 84).

Depreende-se da citação que a organização do órgão estatal, da vida coletiva e individual, por meio da linha molar, necessita da força da linha molecular para acontecer e permanecer acontecendo. Em outros termos, o Fascismo de Estado necessita do Fascismo molecular para ter força e permanência em cada indivíduo, para estabelecer suas diretrizes, ideologias e massacres (Deleuze; Guattari, 1996).

Quanto à segunda linha, a molecular, se refere à segmentaridade maleável, na qual se inserem as massas. É nessas que reside o perigo do Fascismo, o câncer que perpassa os indivíduos, afirmam Deleuze e Guattari (1996). O corpo inteiro do homem é uma máquina desejante. Cada órgão, cada célula é máquina desejante. Ele almeja ver, comer, brincar, transar, correr, cantar, ouvir, dançar etc. Tudo no indivíduo deseja. E se tudo deseja, o homem desejaria sua própria repressão? Eis uma pergunta que requer cuidado para ser respondida. Mas, sim, conforme os pressupostos de Deleuze e Guattari (1996), o sujeito pode desejar sua repressão.

É exatamente em tal linha maleável que está o microfascismo, o qual reside em cada homem e em cada mulher. E como nós o tratamos? Deleuze e Guattari (1996, p. 85) argumentam: "é muito fácil ser antifascista no nível molar, sem ver o fascista que nós mesmos somos, que entretemos e nutrimos, que estimamos com moléculas pessoais e coletivas". Porém, como ser antifascista no nível molecular? Utilizando a linha de fuga como resistência, respondem os autores (Deleuze; Guattari, 1996, p. 85). Ela acontece no nível molecular, na micropolítica, podendo se apresentar, como linha de vida e de morte. Essa última corresponde à microfascistização da vida, ao microfascismo existente em nós. É uma linha que desterritorializa, na qual se pode fugir de um território e criar outro território, forças, conceitos. Todavia, tal linha é uma "faca de dois gumes", pois pode desejar tanto a morte quanto a vida. O desejar a vida é criar o ato de resistência, o ato de resistir a morte, ou seja, resistir ao Fascismo de Estado e ao microfascismo.

É aí que entra a Literatura, haja vista que pode ser um ato de resistência por meio de sua linguagem propulsora, legitimadora e eficaz. Há inúmeros livros, romances, poemas, contos, crônicas que afirmam ser um ato de resistência. Como exemplo, cito o poema de Szyborska (2011, p. 71):

Filhos da época
Somos filhos da época

e a época é política.
Todas as tuas, nossas, vossas coisas
diurnas e noturnas,
são coisas políticas.
Querendo ou não querendo,
teus genes têm um passado político,
tua pele, um matiz político,
teus olhos, um aspecto político.
O que você diz tem ressonância,
o que silencia tem um eco
de um jeito ou de outro político.
Até caminhando e cantando a canção
você dá passos políticos
sobre um solo político.
Versos apolíticos também são políticos,
e no alto a lua ilumina
com um brilho já pouco lunar.
Ser ou não ser, eis a questão.
Qual questão, me dirão.
Uma questão política.
Não precisa nem mesmo ser gente
para ter significado político.
Basta ser petróleo bruto,
ração concentrada ou matéria reciclável.
Ou mesa de conferência cuja forma
se discutia por meses a fio:
deve-se arbitrar sobre a vida e a morte
numa mesa redonda ou quadrada.
Enquanto isso matavam-se os homens,
morriam os animais,
ardiam as casas,
ficavam ermos os campos,
como em épocas passadas
e menos políticas (Szymborska, 2011, p. 71).

661

Portanto, tudo é político, cada coisa, cada indivíduo, cada célula e cada parte do mundo. O poema é uma linha de fuga que ilustra a vida micro e macropolítica. É um ato de resistência contra forças que causam a morte, a repressão e os genocídios.

Mas como exatamente essa linguagem literária opera enquanto linha de fuga molecular, desestabilizando os microfascismos que nos habitam? Ela atua como um agenciamento maquínico. Ao forjar conceitos-história (como o de uma “política do cotidiano” que o poema constrói), a literatura não apenas representa o mundo, mas fabrica perceptos e afetos novos. Sua linguagem “propulsora” funciona ao desterritorializar os fluxos estabelecidos do desejo e da significação. O verso “Versos apolíticos também são políticos” é uma máquina de guerra contra a segmentaridade

molecular que nos faz crer na neutralidade. Ele introduz uma disfunção no código microfascista que naturaliza a despolitização, forçando a língua majoritária a expressar as forças moleculares subterrâneas, um processo de minoração. Essa operação é uma experimentação no plano de imanência: o poema, como acontecimento, convoca personagens conceituais (o “sujeito radicalmente politizado”) no leitor, afetando seu corpo no nível pré-reflexivo dos afetos e abrindo fendas para novas modulações de si. A eficácia política da literatura reside nessa capacidade de criar agenciamentos coletivos de enunciação que escapam às segmentaridades dominantes.

Por isso, considero que a Literatura, com sua linguagem própria, está muito próxima da Filosofia. E é no plano de imanência de cada homem que reside o que denomino de conceito-história: aquilo que é referenciado, criado e apropriado durante uma história literária.

O conceito-história de “microfascismo”, por exemplo, não é um arquétipo platônico, mas um rizoma vivo. Suas conexões são heterogêneas: brota de críticas a sistemas de pensamento dominantes, enxerta-se em análises políticas e absorve seivas de campos do conhecimento diversos. Este conceito-história opera como linha de fuga ao desnaturalizar o fascismo, revelando-o como potência imanente às relações e ao próprio desejo. Ele é um “operador” que nos torna estrangeiros de nós mesmos, permitindo mapear o inimigo íntimo. Quando um romance ou poema o atualiza (como Szymborska ao politizar o cotidiano), ele não o representa, mas o faz vibrar em novas configurações, criando conexões rizomáticas com lutas presentes e experiências singulares. O conceito-história é um devir: só existe na reatualização contínua por novos agenciamentos literários.

Por fim, a Literatura pode ser entendida como um ato de resistência contra o microfascismo e o Fascismo de Estado, uma vez que é capaz de atuar contra a microfascistização da vida e o microfascismo existente em cada um de nós.

Todavia, como alertam Deleuze e Guattari, a linha de fuga é uma “faca de dois gumes”. A própria literatura pode tornar-se vetor de microfascismos: quando cristaliza clichês que endurecem segmentaridades, quando se enclausura no narcisismo autoral, quando é instrumentalizada por discursos totalizantes, ou quando sua experimentação formal perde o vínculo ético e gera passividade. O risco

é a linha de fuga “viralizar” e se reterritorializar no caos ou na opressão. A vigilância crítica é parte imanente da criação resistente. Tendo em vista que ela, muitas vezes, nasce solitária ao ser escrita e enunciada ao mundo, logo age coletivamente como linha de fuga, criando territórios de resistência.

Referências

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* 2. Tradução de Aurélio Guerra Neto et al. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 1996. v. 3.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Tradução de Bento Prado Júnior e Alberto Alonso Muñoz. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

SZYMBORSKA, Wisława. *Poemas*. Seleção, tradução e prefácio de Regina Przybycien. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Submissão: 04. 07. 2025

/

Aceite: 08. 07. 2025

663